

FCPF MAGAZINE #114



LIGA PORTUGAL MEU SUPER - J20 - 31 JAN 2025 - 18:00

EDITORIAL POR PAULO GONÇALVES

O mês que hoje encerramos está a ser aquele em que o FC Paços de Ferreira tem alcançado os resultados mais promissores da temporada. Às duas vitórias (Ac. Viseu e Mafra) e a um empate (Marítimo) podem juntar-se hoje mais três pontos que, definitivamente, catapultem a equipa para lugares mais condignos na classificação da II Liga. E não têm sido só os resultados a motivar o grupo e os adeptos, há também um ressurgir da alma pacense em cada lance disputado e em cada incentivo que vem da bancada.

É essa entrega total que nos faz acreditar na qualidade da equipa e nos sucessos que todos esperamos para a segunda volta da competição. Desde a épica segunda parte com o Ac. Viseu, passando pela presença dos adeptos em Felgueiras, pela capacidade de sofrimento com o Mafra e, no último fim de semana, pela ambição da equipa no Marítimo, todos ficamos com a certeza de sermos capazes de muito mais na competição.

É com este espírito de ambição que vamos entrar esta tarde na nossa fortaleza. O encontro encerra a curiosidade de colocar em bancos opostos duas figuras com história nos clubes adversários. Carlos Figueiro treinou o Leixões até há três semanas atrás, e José Mota tem um passado no Paços que fala por si. É, apenas, um facto curioso de mais uma partida entre clubes históricos do futebol nacional e que, por norma, proporcionam espetáculos muito emotivos.

O horário da partida (18h00) não é o ideal para os adeptos, mas esta nova crença da equipa merece ser apoiada nas bancadas. É um suporte que também renasceu e que mexe forte na equipa. Foi sentido nos últimos três jogos, merecendo especial referência o elevado número dos que foram à Madeira gritar "Paços!".

Janeiro é também o mês da janela de transferências e o Paços tem feito reajustes pontuais no plantel. O regresso de Afonso Rodrigues foi muito saudado e quase benzido com um golo e possível vitória na estreia. É um atleta com muita qualidade e que sabe o que é encarnar o espírito pacense. Um estado de alma que está a entrar também no avançado Vlad Marozau. Chegou, viu, marcou contra o Mafra e fez um excelente jogo com o Marítimo. Veio para ajudar, e tem tido uma integração muito rápida no grupo. O internacional bielorrusso é o entrevistado desta «FCPF Magazine», e ficamos a conhecer melhor quem veio do frio, mas rapidamente está a absorver o nosso espírito latino.

Os escalões de formação estão a meio da temporada e a entrar em fases decisivas das competições. Altura para ficarmos a conhecer alguns dos jovens que vestem a "amarelinha", e começamos por Ricardo Brito, atleta dos Sub-19.

E porque hoje é o último dia do mês, acompanhamos também o tradicional «Cantar das Janeiras», promovido pela secção de Futsal.

Força Paços!

DESTAQUES DESTA EDIÇÃO



FCPF MAGAZINE

NÚMERO 114 - Janeiro 2025

Textos e Design: Sara Alves | Fotos: Telmo Mendes

Impressão: PaçoPrint | Tiragem: 1000 exemplares | Distribuição Gratuita

“Senti que vir para cá seria uma boa decisão e não pensei muito”

Nascido na Bielorrússia, foi na cidade de Brest que passou toda a infância e adolescência, e deu início à sua carreira no futebol profissional. Em janeiro de 2024, e depois de uma temporada repleta de conquistas ao serviço do Dinamo Minsk, Marozau chegava a Arouca; e em janeiro de 2025 era recebido na Mata Real – com uma grande ambição na bagagem e a forte convicção de que esta ainda poderá ser uma época de grandes feitos. Há que «acreditar» e «traballar».



Trinta e três minutos – foi este o tempo que precisaste para fazer o teu primeiro golo pelo Paços, e também o teu primeiro em Portugal. Bom número?

Talvez sim, mas, acima de tudo, queria ter marcado no meu primeiro jogo, em Felgueiras, pois acabamos por perder. Frente ao Mafra, foi o golo da vitória e estou feliz por ter marcado tão rápido – no entanto, os adeptos saberão melhor do que eu se é bom ou não. Mas, sim, posso dizer que para mim é um bom número e quero marcar mais para ajudar a equipa.

Foi um jogo intenso com o CD Mafra.

Sim, porque as duas equipas estavam conscientes de que era um jogo que valia seis pontos, pois estávamos próximos. Conseguir pontos naquele jogo era importantíssimo para os dois lados. A primeira parte foi difícil, eles tiveram vários momentos em que poderiam ter marcado, e acho que começamos um bocadinho nervosos. Mas depois levantamos a cabeça, encaramos o jogo e começamos a jogar melhor. Já a segunda parte penso que foi 100% nossa, estivemos melhor do que na primeira –

ainda que, reforço, na primeira parte também tenhamos estado bem, fizemos muitas coisas bem ofensiva e defensivamente, marcamos um golo... Perto do final acabamos por sofrer, mas estivemos concentrados e garantimos a vitória. Fomos felizes.

A tua estreia aconteceu diante do FC Felgueiras, numa partida que o Paços não conseguiu ganhar, como já referimos. Como é que foi esse primeiro jogo?

Foi a minha primeira semana no clube. Estava aqui há uns quatro dias, mas foi muito interessante, foi bom começar a jogar. Independentemente do tempo que jogue, eu quero é fazer a diferença. Portanto, tenho de continuar a trabalhar para ir tendo as minhas oportunidades e cumprir isso mesmo.

Chegar a um novo clube a meio de uma temporada é algo que já te tinha acontecido no FC Arouca, no ano passado. É difícil?

Sim, é difícil. No ano passado, já tinha acabado a época na Bielorrússia quando cheguei ao Arouca. E nem tinha a pré-época feita, porque

o campeonato lá acaba em dezembro e depois são as férias. Entretanto, quando os treinos começaram, eu precisei de tratar da minha documentação para vir. Foi difícil, mas tinha de manter a calma e eles também compreendiam. O plantel também tinha bons avançados, e eu tinha de esperar pela minha oportunidade e de trabalhar mais para me adaptar a Portugal. Afinal de contas, era um novo campeonato, um novo país – a minha primeira experiência fora da Bielorrússia – e foi difícil. Mas agora penso que já estou integrado aqui em Portugal, também consigo falar português... Já aqui no Paços, tenho uma boa relação com os meus colegas, e penso que este processo de adaptação vai ser ainda mais fácil depois do golo.

Enfrentaste logo cedo uma mudança de equipa técnica. Ou seja, todos os atletas que cá estavam acabaram por começar do mesmo ponto, digamos assim, porque vieram outras ideias com o novo treinador.

Todos nós somos jogadores profissionais e sabemos que são coisas que podem acontecer. Só temos é de ficar tranquilos e de fazer o que o treinador assim entender. No fundo, nós temos só uma ideia, que é ganhar cada jogo. E, a meu ver, cada treinador também tem esta mesma ideia, portanto, para nós, não é um problema. Temos de nos focar no que é pedido.

Na última jornada, com o CS Marítimo, fizeste o teu primeiro jogo a titular e cumpriste os 90 minutos, algo que já não acontecia há algum tempo. Como é que te sentiste?

Senti-me bem. Foi um bom jogo da nossa parte. Nos primeiros minutos, tal como aconteceu com o Mafra, penso que não estivemos na nossa melhor forma, e acabamos por sofrer. Mas depois também não nos escondemos. Mantivemo-nos calmos, porque sabíamos que íamos conseguir chegar ao golo – e foi um bom jogo. Acho que criei oportunidades para mim, para os meus colegas, ajudei a equipa e acredito que merecíamos a vitória. Deu num empate, o que não foi mau também, mas agora temos os olhos postos no próximo jogo, com o Leixões. É em casa e é agora o desafio mais importante.

Depois destas três partidas, que balanço fazes destes teus primeiros dias de Paços?

Eu gosto de Paços, tanto do clube como da cidade. Antes de vir para cá, só tinha ouvido falar da equipa, mas estou muito contente com a cidade também. Já estou cá a morar num apartamento e isso torna a vida mais simples, sinto-me em casa – porque, inicialmente, vivia num hotel e era mais complicado. Quanto ao clube, as condições são de um grande nível, desde o ginásio, à sala de recuperação, aos campos de treino... Gosto do estádio, gosto de como o estádio nos apoia, e sinto que todos os jogadores da nossa equipa querem mais momentos como o do jogo com o Mafra, onde ganhamos, onde os adeptos estavam felizes, onde nós estávamos felizes e percebemos que fizemos de tudo pelo resultado. Para mim, parece que até já se passou mais tempo do que só algumas semanas, mas gosto de estar aqui e sinto que os adeptos também gostam de mim.

«Acredito que podemos chegar ao topo da tabela - se não acreditasse, não teria vindo para cá.»

Voltando aqui ao golo apontado ao CD Mafra: veio trazer mais confiança?

Sim, sem dúvida. Para todos os jogadores, principalmente para todos os avançados, é importante marcar para fazer a diferença. Finalmente consegui fazer o meu primeiro golo em Portugal, e para mim, isso não significa que agora posso relaxar. Quero mostrar que é para isto que trabalho todos os dias, e agora tenho de continuar neste caminho. Acredito que ainda vou marcar vários golos pelo Paços, para ajudar a equipa a subir na tabela.

E como é que surgiu a oportunidade de vires para Paços? Como é que recebeste a proposta?

Foi já depois do jogo com o Boavista, no qual fui titular pelo Arouca. Eu não estava a jogar muito pelo Arouca, e falei com responsáveis do clube, pois eu precisava de jogar mais, até para puder

INTER=ESTORE



ajudar o Arouca também. E ele disse que tinha um clube que estava interessado em mim, disse-me que era o Paços, e no dia seguinte eu respondi que sim, com 100% de certeza. Vi alguns vídeos sobre o Paços, também conhecia alguns jogadores, como o Antunes, por exemplo, e para mim não foi uma escolha difícil. Senti que esta seria uma boa decisão e não pensei muito. No dia seguinte disse-lhe, então, que sim. Seria bom para todas as partes e agora quero é ajudar o Paços.

Disseste no dia da apresentação que já conhecias o clube, ainda antes de saberes que vinhas para cá.

Sim. Quando estava a jogar na Bielorrússia, muitas equipas de lá jogaram com equipas portuguesas, então eu ia conhecendo o futebol português e também fui ouvindo falar do Paços, pelas suas presenças nas provas europeias. Depois, quando soube do interesse do clube, procurei saber mais, vi alguns vídeos e falei com algumas pessoas daqui – que me disseram que estavam felizes por me verem cá também.

E falaste também do Ivo Rodrigues e do David Simão, que já passaram por cá. Trocaste ideias com algum deles antes de vires?

O David Simão disse-me que este era um grande clube; um clube muito bom para mim. Mas foi só isso. Tomei a decisão sozinho, não falei sobre o assunto com muitas pessoas – falei com a minha namorada e com os meus pais. Então só comuniquei a minha decisão.

Como é que foste recebido pelos teus colegas aqui na Mata Real?

Com um túnel. [Risos] A linguagem do futebol é a mesma. À medida que se vão fazendo os treinos e os jogos, tu vais conhecendo os jogadores. Fui falando com eles, e para mim a adaptação não foi um problema, porque todos eles são bons colegas – e acho que também o sou para eles.

Ora tu já conhecias a Primeira Liga. O que tens a dizer agora acerca da Segunda?

A Segunda Liga exige um futebol mais físico do que a Primeira, talvez. Quanto à tomada de decisão, esta tem



de ser rápida também, como acontece na Primeira. Talvez a maior diferença sejam mesmo os jogadores. Ao jogares na Primeira, podes acabar por adquirir mais competências. Mas acho que é mesmo só isso. Se um atleta trabalhar bem as suas competências na Segunda Liga, consegue chegar à Primeira. A Segunda Liga é muito boa para crescer e permitir essa subida de escalão.

E todos os pontos contam. As equipas estão muito próximas, aliás.

Vou dizer a verdade – aquilo que eu sinto e não algo que seja só para cair bem entre as pessoas do clube: se começarmos a ganhar com mais frequência, é possível irmos para os primeiros lugares da tabela, e isso, para mim, é um objetivo. O foco não pode estar no final da tabela, mas sim no topo, digamos assim. Eu acredito que podemos chegar lá – se não acreditasse, não teria vindo para cá. Estamos a uns dez pontos desses lugares. Com três, quatro, cinco vitórias seguidas podemos ficar bem perto. Portanto, sim, para mim é possível.



FIXPAÇOS[®]
fixing forward

Vamos agora conhecer melhor a tua caminhada até aqui. Nasceste, então, na Bielorrússia. Que memórias tens da tua infância?

São boas memórias, sem telemóveis nem grandes tecnologias, apenas com os amigos. Todos os dias eram passados com eles. Eu não vivia mesmo no centro da cidade de Brest, era mais afastado, e lembro-me de ficarmos a jogar futebol praticamente todos os dias, até às dez da noite. Só quando os meus pais gritavam por mim, para ir para casa, é que eu ia. [Risos] No verão, íamos todos os dias para o campo jogar futebol, depois íamos nadar para o rio, e depois voltávamos ao campo para jogar. Nem comíamos, muitas vezes; bastava-nos beber alguma água. Eram verões mágicos. No outono, tenho o meu aniversário, que é sempre um dia especial para mim. Depois vinha o inverno, que também é uma época mágica no nosso país. Há muita neve, há mesmo aquele ambiente de Natal, e, para a maioria das pessoas da Bielorrússia, o Ano Novo é a festa principal. Muita gente pode não gostar de celebrar o aniversário, mas gosta de celebrar o novo ano. No fundo, como aqui em Portugal se celebra o Natal, é como lá celebramos o Ano Novo. Entre o período do Natal e dos Reis, também é costume verem-se alguns grupos que vão cantar a casa de vizinhos, por exemplo, para celebrar as pessoas e em troca recebem alguns doces ou dinheiro. E na primavera está a escola a terminar e lá começa o verão, novamente. Posso falar imenso tempo sobre a minha infância, porque foram realmente tempos bons, sem problemas. O que querias fazer, tu fazias, porque os pais estão sempre a trabalhar e tu podes passar tempo com os teus amigos. Para mim, foram tempos mesmo bons, e agora que estava a contar essas coisas, estava a relembrar-me de muitos desses momentos.

E como é que começou a tua caminhada no futebol?

Tinha uns dois anos quando comecei a jogar nas ruas, e toda a gente da minha família começou a perceber que eu seria jogador de futebol. [Risos] Mais tarde, tinha uns sete ou oito anos, a minha mãe levou-me até uma escola

de futebol, disseram-me que eu era bom, e comecei a jogar lá, com os treinos durante a semana e tudo mais. Antes disso, jogava só mesmo com amigos. Fiquei sempre em Brest, a minha cidade, e foi no Brest que comecei a minha carreira profissional, com a segunda equipa. Tinha 16 anos.

Quem eram as tuas referências quando eras mais novo?

O meu jogador favorito foi sempre o Cristiano Ronaldo e agora também. Comecei a jogar futebol porque fazia download dos vídeos do Cristiano Ronaldo para o meu telemóvel, ainda daqueles mais antigos, via-os e tentava fazer igual no campo.

«Acreditem o nós, porque vamos dar o máximo. O apoio dos adeptos é muito importante.»

Estavas então no Rukh Brest quando surge a pandemia de COVID-19 e todos os campeonatos param, exceto o bielorrusso. Não vos trouxe receios, pelas questões de saúde?

Foi um período muito interessante, porque sabíamos que só nós é que estávamos a jogar. Estive a falar com o Diogo, da equipa técnica, e ele disse-me que nessa altura viu os nossos jogos, então poderá ter-me visto a jogar também. Mas para nós foi interessante, sem pressão. Lembro-me de só ter ficado doente quando voltei à Bielorrússia, depois de ter jogado em Portugal com a seleção Sub-21, já mais à frente. Quando muitos jogadores ficavam doentes, fazia-se a quarentena e as equipas não jogavam. Mas se a equipa estivesse bem, jogava-se normalmente. Não tínhamos problemas.

De lá segues para o Isloch. Foi a primeira experiência fora da tua cidade. Difícil?

Sim, foi difícil. A adaptação foi rápida, ao contrário do que aconteceu em Portugal, porque era a mesma língua e estava apenas a quatro horas de casa. Então não foi difícil



nesse aspeto, mas tu precisas de te mudar a ti mesmo, porque é um novo nível na tua carreira. Precisas de trabalhar para ser mais e melhor, porque ou melhoras ou qualquer um passa por ti e tu não podes fazer nada. Temos sempre duas opções: trabalharmos ou ficarmos sentados sem nada fazer. E eu escolhi trabalhar muito e dois anos depois recebi a proposta do Dinamo Minsk. Fiquei muito feliz por ir para lá, fomos campeões, fui eleito o melhor jogador da prova, fui o melhor marcador... E depois chegou o Arouca. Então, se tu trabalhares, tu podes chegar onde queres. Se não o fizeres, é provável que isso não aconteça.

A tua ida para o Dinamo Minsk dá-se em 2023. Como disseste, foste campeão, foste eleito o melhor jogador da prova e foste também o melhor marcador. Foi uma época de sonho?

Uma época de sonho seria ganhar a Champions League - e espero conseguir um dia. [Risos] Sim, foi uma boa temporada, mas também não vivo muito com os momentos antigos, com aquilo que já passou, na minha cabeça. Quero criar novos momentos - agora aqui no Paços, por exemplo. Quero marcar, quero fazer história; ir da base até ao topo.

Nesse mesmo ano, tens também a tua estreia pela seleção nacional bielorrussa.

Sim, na principal - antes, já tinha jogado pela seleção Sub-21. Para mim, jogar pela seleção nacional em jogos oficiais é um sonho. A sensação é ótima. Na seleção aconteceu algo muito semelhante ao que aconteceu aqui no Paços: marquei no meu segundo jogo, contra a Roménia. Não sei se foram precisos só 33 minutos, mas a diferença não terá sido muita. A minha estreia tinha sido contra a Suíça [entrou aos 61'] e no jogo seguinte, com a Roménia, marquei logo depois de ter entrado [entrou aos 78' e marcou aos 86']. Foi muito parecido com o que aconteceu aqui. Mas, sim, é um sonho, e na primeira vez tudo é novidade. Estou muito feliz por fazer parte da seleção e ser considerado um dos melhores jogadores do meu país.

Como surge a mudança para Portugal?

Naquela altura, o meu agente disse-me que

havia o interesse do Arouca e que eles queriam falar comigo e com o Dinamo Minsk. No final, o clube disse-me "Ok, eles pagam o valor da transferência e podes aceitar. Por nós não há problema. Desejamos-te sorte. É um bom campeonato, onde podes crescer". E para mim foi uma decisão fácil. Estou muito feliz aqui e sei que posso fazer mais golos.



Nova fase desbloqueada: primeira mudança para outro país. Já foste contando que o processo de adaptação foi complicado...

Foi muito difícil. Em Arouca, era muito raro encontrar alguém na cidade que falasse inglês. No clube, sim, mas na cidade nem por isso. Comecei a aprender português, mas sem professor; apenas por mim mesmo, através do telemóvel. Nos primeiros tempos, falava muito com o Galovich, que é croata, jogou no Dinamo Minsk também e falava russo; também falava mais com o Bogdan Milovanov, que é ucraniano... É muito bom quando podemos falar a mesma língua. Mas foram tempos difíceis, porque ficava muito tempo sozinho em casa, não falava com muitas pessoas na cidade. Só em maio é que a minha namorada veio para Arouca e tudo se foi tornando mais fácil. Depois, em julho, quando começou a pré-temporada,

também já me sentia mais confiante, e para mim foi mais fácil.

Do que é que sentes mais falta da Bielorrússia?

A cultura portuguesa é muito interessante. Gosto muito, assim como do país também. Mas claro que da Bielorrússia sinto falta da família, claro, da comida e da minha cidade. Eu gosto muito da minha cidade. É uma cidade maior do que Paços, mas não tão grande como o Porto. É mais parecido com Guimarães ou Braga. E devo dizer que gosto da comida portuguesa, vitela, arroz, bacalhau... Conheço as comidas e experimento todas e gosto, mas gosto mais da cozinha eslava. [Risos]

Sei que continuas com as aulas de português.

Como é que te tens safado?

Eu queria muito aprender português, porque para mim era importante para falar com os colegas, para falar com o treinador, para perceber coisas importantes dentro do campo. É até um sinal de respeito para com todas as pessoas daqui, para quem quer falar comigo. Já fiz alguns amigos portugueses com quem não falo inglês, como os meus vizinhos em Arouca, Quim e Carmen. Eles ajudam-me muito, e à

minha namorada também; são excelentes pessoas e gosto deles. Se eles lerem isto, deixo já aqui um beijinho e um abraço. [Risos] Então, para mim era importante aprender. Eu sei bem o básico, consigo perceber e falar com qualquer pessoa, mas quando são coisas mais importantes, falo em inglês.

É um idioma difícil de aprender?

Nos primeiros meses sim, mas depois quando começa a falar e a dizer as coisas, vês como começa a ser interessante. E vais aprendendo cada vez mais. A minha língua nativa é o russo, mas também falo polaco, ucraniano, agora português, inglês, e percebo um pouco espanhol.

E a tua namorada já fala português também?

Só comigo, vai dizendo algumas palavras: o número de contribuinte, "bom dia", "boa noite". [Risos]

Então, em português, podes deixar uma mensagem aos nossos adeptos?

Quero apenas dizer-lhes que acreditem em nós, porque vamos dar o máximo. O apoio deles é muito importante para nós.



 **NAVEGADORAS**

WOMEN'S NATIONS LEAGUE

PORTUGAL - INGLATERRA

21.02.2025 . 19H45

ESTÁDIO MUNICIPAL DE PORTIMÃO

PORTUGAL - ESPANHA

04.04.2025 . 19H45

ESTÁDIO CAPITAL DO MÓVEL

BILHETES JÁ À VENDA

franciscoj.dias
mobiliário



FC PAÇOS DE FERREIRA

LEIXÕES SC

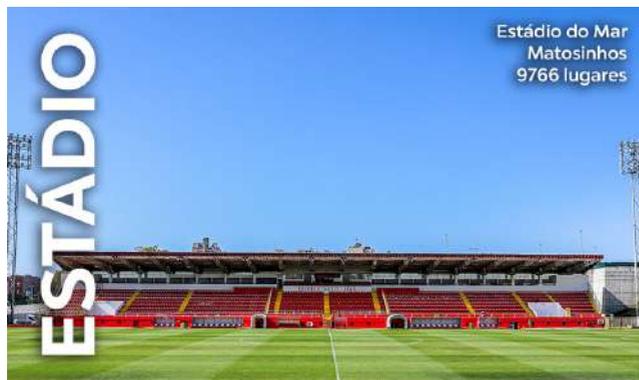
CONHECE O ADVERSÁRIO DE HOJE



LEIXÕES SPORT CLUB
FUNDADO A 28 DE NOVEMBRO DE 1907

Era Portugal ainda uma monarquia quando, em 1907, nasceu o Leixões Sport Club – “voltado para os seus associados, mas, simultaneamente, ao serviço do engrandecimento de Matosinhos”, como se lê no site oficial do clube. Surgiu da fusão de três pequenos grupos desportivos da cidade [Grupo Lawn-Tennis Prado, Grupo Lawn-Tennis de Matosinhos e Grupo Leixões Foot-Ballers], pelos quais a juventude da altura se distribuía para a prática de desporto. Atualmente, os «Bebés do Mar» disputam várias modalidades além do futebol, como o futsal, futebol de praia, voleibol ou natação.

Em 2006/2007, o Leixões SC sagrou-se campeão da Segunda Liga, sendo que em 1937/1938 já havia conquistado o troféu da II Divisão. Entre uma e outra, na época 1960/1961, foi o vencedor da Taça de Portugal, ao bater o FC Porto por 2-0. É também um dos emblemas portugueses que já participou nas competições europeias, mais concretamente na Taça UEFA e na Taça das Taças.



Estádio do Mar
Matosinhos
9766 lugares

ESTÁDIO



4-0
2008/2009

A sexta-feira 13 de março de 2009 não foi sinónimo de azar para o FC Paços de Ferreira, que recebeu na Mata Real o Leixões SC para o encontro da 22ª jornada da então Liga Sagres. É que os Castores venceram por quatro bolas a zero, com André Pinto a fazer o primeiro golo do encontro em cima do intervalo (45'), e Ricardo (71'), Pedrinha (75') e Carlos Carneiro (89') a aumentarem a vantagem na segunda parte.

HISTÓRICO DE CONFRONTOS

46 jogos (desde 1977)

Vitórias

15

14

Golos

62

63

**MAIOR VITÓRIA
FCPF EM CASA**



SOLVERDE.PT



LIGA PORTUGAL 2

Meu Super



	22	PONTOS	24
MELHOR MARCADOR			MELHOR MARCADOR
JOÃO CAIADO - 4 GOLOS	24	GOLOS MARCADOS	22
RUI FONTE - 4 GOLOS			
COSTINHA - 4 GOLOS			
FORMA	31	GOLOS SOFRIDOS	24
D V D V E			V D E D E

ÚLTIMO JOGO DO LEIXÕES

Na última jornada, a 19ª desta Liga Portugal Meu Super, o Leixões SC recebeu o GD Chaves no Estádio do Mar. Apesar de ter sido um jogo entretido em ambas as partes, com as duas equipas a procurarem desfazer o nó no marcador – e Rafael Martins até meteu a bola no fundo das redes do guardião transmontano, mas o golo acabou por ser anulado por fora de jogo –, o resultado manteve-se mesmo inalterado até ao apito final. Este foi o quarto jogo sem vencer para o conjunto de Matosinhos (dois empates e duas derrotas), que, fora de portas, também não vence há sete duelos consecutivos (seis derrotas e um empate). A última vez que conquistou os três pontos numa partida como visitante foi há exatamente cinco meses, ou seja no dia 31 de agosto de 2024, quando visitou o terreno da UD Oliveirense (0-1).



LEMBRAS-TE DELE?

RICARDO VALENTE representou os Castores em 2016/2017. O avançado português cumpre a terceira temporada consecutiva pelos «Bebés do Mar», depois de passagens pelos Emirades Árabes Unidos, Roménia, Turquia e Grécia. Soma 13 jogos e dois golos nesta época.



SOLVERDE.PT

II DIVISÃO NACIONAL JUNIORES A - JORNADA 17
01 FEV | 15H00 | SINTÉTICO DA MATA REAL

FC PAÇOS DE FERREIRA - PADROENSE FC



Depois de conseguir o acesso à Fase de Subida na última jornada, a equipa Sub-19 do FC Paços de Ferreira pode garantir o primeiro lugar e sagrar-se campeã da Série B, neste fim de semana.



Caldas de
Penacova
Água Mineral Natural



MERCADO DE INVERNO

AFONSO RODRIGUES DE REGRESSO

FC Paços de Ferreira e FC Famalicão chegaram a acordo para o empréstimo do atleta Afonso Rodrigues, até ao final da presente temporada. O extremo de 22 anos é o segundo reforço dos Castores neste mercado de inverno.

Afonso Rodrigues é já uma cara conhecida dos Pacenses, uma vez que, há um ano, também chegou para reforçar o plantel do FC Paços de Ferreira, por empréstimo do emblema famalicense. Apesar de a passagem ter acabado por ser mais curta do que o desejado, devido a uma lesão, o jovem extremo fez a diferença. Dos oito jogos realizados, Afonso teve interferência no resultado das suas cinco últimas partidas – foram três golos e três assistências nesse período.

O novo reforço do FC Paços de Ferreira chegou ao FC Famalicão ainda como atleta Sub-15. Terminada a formação, passou a representar a equipa Sub-23, e esteve em destaque na Liga Revelação de 2022/2023, tendo arrecadado os prémios de Melhor Jogador e de Melhor Marcador da prova. Em 2023/2024 estreou-se pela equipa principal, antes de representar os Castores pela primeira vez. Já na presente temporada, até regressar à Mata Real, Afonso Rodrigues esteve ao serviço das equipas Sub-23 e principal do FC Famalicão.

No dia em que o novo contrato foi oficializado, o jovem extremo não escondeu a satisfação por este regresso: “É muito bom estar de volta e encontrar muitos jogadores que já estavam aqui no ano passado e com quem me dou muito bem. Acho que vai ser muito bom para mim, tal como foi na época anterior. O Paços é um clube onde fui muito feliz, apesar de ter sido pouco tempo. As condições são muito boas, as pessoas foram também muito boas para mim, e é o melhor clube para eu poder crescer como jogador”.

Além de esta ser uma nova oportunidade para o seu crescimento, Afonso ambiciona conseguir “fazer melhor” do que na temporada anterior e “ajudar a equipa a alcançar os seus objetivos”. Sobre a nova equipa técnica que encontrou na Mata Real, o reforço pacense deixou também algumas palavras: “É uma equipa técnica que gosta de um jogo agressivo, de uma atitude muito dura da equipa. Acho que é bom. Penso que nesta Segunda Liga a equipa precisa disso, e acredito que o trabalho vai ser bem feito”. Na última jornada, Afonso Rodrigues foi já uma das opções do mister Carlos Figueiro, tendo entrado aos 65 minutos do encontro com o CS Marítimo, para o lugar de Lumungo - e esteve presente no gol.

“Estou aqui para ajudar e para fazer os adeptos felizes”, concluiu ainda o mais recente Castor, na sua chegada ao Estádio Capital do Móvel.

Joma



SABE MAIS SOBRE...

RICARDO BRITO (SUB-19)



Nome: Ricardo Brito
Idade: 18 anos
Naturalidade: Lisboa
Posição: Extremo
Outros clubes: Sintrense,
Belenenses e Benfica

LFM

— FOLHAS DE MADEIRA —

Este é o novo espaço da FCPF Magazine que vai dar a conhecer aos adeptos do FC Paços de Ferreira os jovens Castores que estão a cumprir a etapa de formação na Mata Real. Brito, extremo da equipa Sub-19, dá o pontapé de saída nesta edição.

Ricardo Brito cumpre neste momento a terceira época ao serviço do FC Paços de Ferreira. Chegou com 15 anos, naquela que foi a sua primeira «aventura» fora de Lisboa e, consequentemente, fora da sua zona de conforto. “Têm sido anos bons. O primeiro foi mais difícil, porque foi de adaptação, mas o segundo já senti que foi melhor”, revela. Deixar a família para continuar a luta por um sonho é sempre desafiante – e ainda mais se torna quando se tem 15 anos. Mas certo é também que, independentemente da distância, é a família quem, muitas das vezes, não deixa esse mesmo sonho desvanecer. “Lembro-me de estar em casa e de o meu pai me começar a perguntar se eu me sentia preparado para jogar fora de Lisboa, se a oportunidade surgisse. Eu só respondi que sim, que se tivesse de ir, ia. Mas ele não me deu logo todas as informações. Só depois é que me contou tudo”, recorda. O pai, que acabou por ser o grande influenciador da entrada de Brito no futebol, por também jogar, foi do mesmo modo quem mais o incentivou a dar este passo: “O futebol aqui é mais competitivo do que em Lisboa, então ele disse-me que achava que isto seria o melhor para mim”. Mais difícil foi convencer a mãe: “Ao início ela não queria eu que eu viesse, porque era muito novo. Mas falamos, disse-lhe que esta seria uma boa oportunidade e ela concordou”.

Já a jogar pelo FC Paços de Ferreira, o jovem extremo confirmou: “O campeonato a Norte é muito mais competitivo. Em todos os meus anos aqui tem sido assim. As equipas estão todas num nível muito próximo, há mais agressividade, e em Lisboa diria que acabam por se destacar umas duas ou três equipas. Não tinha noção de que havia tanta diferença”. De momento, Brito compete na II Divisão Nacional de Juniores A – e os Sub-19 pacenses já garantiram a presença na Fase de Subida.

“Penso que a equipa encarou o campeonato seriamente, por isso é que já passamos à fase seguinte. O mister passa-nos sempre boas informações, trabalhamos bem e acredito que vamos conseguir cumprir o objetivo”, adianta. Esta época, Brito enfrentou uma lesão que o deixou afastado dos relvados durante três meses, tendo regressado à competição a meio de dezembro: “Foi um pouco triste, mas tive o apoio dos meus colegas, dos treinadores, dos fisioterapeutas. Eles estiveram sempre comigo e foram eles que me fizeram ter forças para continuar e voltar mais forte. Claro que no meu primeiro jogo após o regresso estava com algum receio, mas agora já estou a 100%”.

Sendo este o seu último ano de formação, Brito só pensa em acabar a época da melhor maneira – e não esconde o desejo de poder ter uma oportunidade na equipa profissional, com a qual já treinou. “Foi uma boa experiência. Estava um bocado nervoso, claro, mas correu bem e todos os atletas ajudaram-me muito. Dá para perceber melhor o que é estar nesse contexto de equipa profissional e dá-nos sempre mais motivação. É para isto que trabalhamos, para lá chegarmos um dia”, diz. Ao mesmo tempo, Brito está a terminar o secundário, reconhecendo a importância da “escola e de ter um plano B”, e vai desempenhando também um “papel importante no acolhimento dos novos atletas” que chegam às equipas da formação – nomeadamente os que ficam também a viver nas residências do clube, assim como ele. “Lá na casa temos jogadores que chegaram este ano, e terem pessoas que já cá estão há mais tempo ajuda-os a terem mais confiança. Tentamos ajudar na adaptação, ajudamos a conhecerem a cidade... É sempre uma grande mudança, mas o Paços é um bom clube, com boas pessoas”, conclui.



CANTAR AS JANEIRAS: Chegar à comunidade também pela tradição

“Abram portas e janelas / Que elas ainda estão fechadas / É o Paços Futsal / Vimos cantar as reisadas”. É assim, com a canção na ponta da língua, que o FC Paços de Ferreira dreamcouch Futsal tem entrado na casa de alguns Pacenses durante este mês de janeiro. A tradição de cantar as Janeiras está viva e conquista seguidores.

Nas noites frias de janeiro, é ao som do acordeão que se aquecem as vozes que não deixam calar a tradição. O silêncio das ruas é interrompido pelos passos acelerados, ajustes de acordes e conversas cruzadas, até ao momento em que é dado sinal para que a cantoria comece. Nas noites frias de janeiro, canta-se o anúncio do nascimento de Jesus, deseja-se um Feliz Ano Novo, vive-se a comunidade e continua a celebrar-se a união e proximidade. Mantém-se viva a tradição de Cantar as Janeiras – pelo menos é assim que faz o FC Paços de Ferreira Futsal.

“Desde miúdo que eu gosto muito dos Reis, e fomos falando sobre isso nas Direções”, começa por dizer José Carlos Dias, responsável pela modalidade. Esta tradição da equipa de futsal vem, na verdade, dos tempos do CD Boavista, antes da fusão do clube com o FC Paços de Ferreira. “Quando se dá a mudança para FC Paços de Ferreira Futsal, não demos continuidade ao cantar das Janeiras nos primeiros anos, porque o Departamento de Formação o fazia, e não seria correto andarem dois grupos do mesmo clube a fazê-lo. Quando pararam é que nós tomamos a iniciativa de recuperar essa tradição – que é, aliás, uma boa ajuda financeira para a modalidade”, acrescenta.

Assim, é às segundas e quartas do mês de janeiro que o grupo composto por cerca de 22 elementos se reúne para levar um bocadinho de Paços de Ferreira e do FC Paços de Ferreira às suas gentes. Além dos diretores, que estão presentes conforme os dias de treino, fazem também parte alguns elementos do Rancho Folclórico As Lavradeiras de Penamaior e um músico que marca o ritmo com a concertina. “Há uma simbiose, entre a cultura do folclore, a tradição bem portuguesa do cantar das Janeiras e o desporto. Mesmo aqueles diretores que estão a fazer isto pela primeira vez estão bastante animados e tenho a certeza de que, para o ano, vão querer envolver-se mais uma vez nesta iniciativa”, afirma José Dias. Os percursos de cada dia são previamente definidos, com paragens em casas de rostos conhecidos do grupo, distribuindo-se até ao final do mês. Ainda assim, é possível que se prolongue: “Já tivemos dias em que foi necessário adiar a saída, devido ao mau tempo. Portanto, se tivermos de encaixar mais um dia ou dois na primeira semana de fevereiro, vamos aproveitar. Cantamos as ‘Fevereiroiras’”, sorri.

Estreitam-se laços, recupera-se a cultura e vive-se o Paços. Tal combinação, por si só, já se mostra reveladora do quão positiva acaba por ser esta experiência, mas nada como receber o carinho e a aceitação de quem, a cada noite, abre as portas de sua casa. “As pessoas aconchegam-nos de tal forma que sentimos que há, sim, muito amor ao Paços. Em todas as visitas que fazemos,

NorteCar
automóveis

eu costumo pedir para sermos rápidos, para cumprimentarmos e sairmos, mas não há casa nenhuma que não tenha uma mesa à nossa espera para, praticamente, jantarmos. Isso prova que o Paços está vivo e bem vivo, e as pessoas querem sentir o clube em casa também”, destaca José Dias. Se tantas vezes se diz que o FC Paços de Ferreira é um clube familiar, é também por aqui que isso mesmo se pode comprovar: “As pessoas abrem-nos as portas. Cantamos quase sempre dentro das casas. Isto diz muito; é mais do que família”. Com este tipo de iniciativa, o clube pretende, também, que a identidade cultural da região seja transmitida às gerações mais novas. Um papel que, segundo o diretor pacense, não pode ser descuidado: “Nós somos certificados como entidade formadora, quer no futebol, quer no futsal, e tanto a componente desportiva como a componente cultural fazem parte da formação dos nossos atletas. Lembro-me de, com 20 anos, andar a cantar os reis para o Paços, e é bonito relembrarmos esses tempos, pormos em prática, e, se possível, passarmos aos mais jovens a tradição. Gostava muito de, daqui a uns anos, ver estes projetos terem continuidade porque os mais novos agarraram essa oportunidade”.

Janeiro está prestes a terminar, as romarias de porta a porta também, mas o que foi conseguido até então trouxe, garantidamente, uma força extra para encarar 2025 e os desafios que com ele surjam. “Tudo o que temos ouvido tem sido muito positivo. As pessoas querem ajudar o clube, expressam os seus desejos de boa sorte e ficam muitos gratas pela nossa visita. Quem se juntou a nós, Futsal, para cantar a título gratuito também transmite esse amor que tem pelo Paços - põe o cachecol ao pescoço e sente-o quando estão a cantar. Tudo isto faz parte de um projeto familiar, de tradição. Claro que há também a componente monetária, uma ajuda importantíssima para a modalidade, mas o que nós queremos mesmo é essa união entre pacenses. Queremos que sintam e que percebam que o futsal está vivo e queremos trazê-los para junto de nós, no pavilhão - e que do pavilhão sigam para o estádio e que o Paços seja sempre o grande vencedor”, destaca.



“Temos um objetivo traçado e tudo faremos para atingi-lo”

A equipa sénior de futsal do FC Paços de Ferreira já iniciou a caminhada na segunda volta da III Divisão Nacional. Depois de um arranque de época menos conseguido, os Castores levam uma sequência de oito jogos sem derrotas, e ocupam agora o segundo lugar da classificação – uma “prestação de excelência”, de acordo com José Carlos Dias: “Acredito que perdemos os dois primeiros jogos do campeonato por estarmos ainda num período de adaptação. Foi uma pré-época muito rápida, com sistemas e formas de jogar completamente novos, e o trabalho demorou a ser executado. Mas a partir do momento em que os jogadores assimilaram o que se pretendia, passamos a fazer um trabalho de excelência. Neste momento, estamos isolados no segundo lugar, temos um objetivo traçado e tudo faremos para atingi-lo”.

No pavilhão, os adeptos do FC Paços de Ferreira têm marcado presença cada vez em maior número. Apesar da descida de divisão na temporada transata, tem sido visível “o envolvimento das pessoas com o clube” e o crescimento da assistência a cada jogo: “Só temos de agradecer pela presença de adeptos que temos tido no pavilhão. Desde o início da temporada até hoje, cresceu muito, mais pessoas têm-se juntado a nós, e é bonito vermos que a palavra “futsal” também se vai associando cada vez mais ao Paços”.

RECORDA O ÚLTIMO JOGO

JORNADA 19 LIGA PORTUGAL MEU SUPER | 25 JAN 2025 | ESTÁDIO DO MARÍTIMO

CS MARÍTIMO 2-2 FC PAÇOS DE FERREIRA

(1-0) GUIRASSY, (1-1) COSTINHA, (2-1) CARLOS DANIEL, (2-2) COSTINHA



Apoio em todo o lado: meia centena de Pacenses esteve presente na Madeira



Lumungo marcou primeiro para o Paços, mas o golo foi anulado por fora-de-jogo



Costinha fez o «bis» contra o Marítimo e soma quatro golos no campeonato

Em toda a parte a

DEFENDER O AMARELO!



Antunes serviu Costinha em ambos os golos



Afonso Rodrigues, reforço de inverno, fez nova estreia pelos Castores



João Caiado também voltou ao relvado, após recuperar da lesão

PRÓXIMO JOGO

JORNADA 21 LIGA PORTUGAL MEU SUPER

PENAFIEL - PAÇOS

DATA E HORA A DEFINIR | ESTÁDIO MUNICIPAL 25 DE ABRIL



PAÇOPRINT
artes gráficas

PaçoPrint
À sua marca gráfica

